

GUERRA DO CONTESTADO: O PROCESSO DE RENDIÇÃO*

Soeli Regina Lima**, Eloy Tonon***

Resumo: o presente estudo tem por objetivos analisar o processo final da Guerra do Contestado (1915-1917) com ênfase para a rendição sertaneja. Como base teórica utilizamos o conceito de estabelecidos e outsiders de Scotson e Elias (2000) além de consultas bibliográficas sobre a temática. As fontes documentais estão pautadas na listagem parcial dos que se apresentaram às forças oficiais, na “Columna da Linha Leste”, em correspondências que evidenciam o destino dado aos sertanejos na pós-rendição e em matérias de jornais. Como resultados preliminares foram elucidados aspectos das relações de poder entre estado e sociedade, bem como das medidas aplicada aos outsiders da Guerra do Contestado.

Palavras- chave: Guerra do Contestado. Outsirdes. História. Cultura. Rendição.

CONTESTADO WAR: THE PROCESS OF REDEMPTION

Abstract: *the present work aims to analyse the final process of the Contestado War (1915 - 1917) with emphasis in the backland redemption. As theoretical base we used the concept*

* Recebido em: 02.05.2017. Aprovado em: 12.06.2017.

** Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2007), especialista em História do Brasil e Graduada em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União Vitória. É membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, Academia de Letras do Brasil- Canoinhas. Atua como Docente da UnC- Universidade do Contestado, com experiência na área de História e Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: história e memória, patrimônio histórico, desenvolvimento regional e Guerra do Contestado. E-mail: soelihistoria@gmail.com.

*** Possui graduação em Artes Práticas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1979), graduação em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória (1974), Mestrado em História Social pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2000). Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) 2008. Atualmente é professor do Departamento de História da UNESPAR- Campus União da Vitória. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em gestão pública, foi chefe de Núcleo Regional de Educação de 1983 à 2001. Vice-diretor da FAFIUV 1991 a 1994. Vereador de 4 mandatos em União da Vitória de 1983 a 2001. Diretor da FAFIUV por dois mandatos de 2000 a 2008. Como docente atua principalmente nos seguintes temas: imigração, latifúndio e êxodo rural, dinâmicas políticas, conjunturas econômicas e sociais, pionerismo e movimentos sociais. E-mail: eloy_tonon@yahoo.com.br



of established and outsiders of SCOTSON, JOHN (2000) besides bibliographic about the theme. The documental sources are based on a partial list from the ones that presented themselves at the "East Line Column" and in correspondences which make evident the destiny given to the backland people in the post-redemption and in newspapers articles. As preliminary results there were elucidated the aspects of power relation between state and society as well as other actions applied to the Contestado War outsiders.

Keywords: *Contestado War. Outsiders. History. Culture. Redemption.*

Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa intitulada "História e memória no pós-guerra do Contestado". Partindo de uma lista parcial dos que se apresentaram às forças oficiais, na "Columna da Linha Leste" iniciamos o processo de investigação. Com base na leitura do relatório do General Setembrino de Carvalho (1916), comandante de operações militares durante a guerra do Contestado (1914-1915), fomos reconstituindo o destino dado aos sertanejos. Outra fonte de pesquisa utilizada foram correspondências trocadas entre representantes de governo, as quais demonstram a preocupação de alocar os sujeitos durante o processo de rendição. Observa-se na produção escrita do movimento do Contestado, a preocupação do registro dos antecedentes e da guerra propriamente dita. Poucas são as investigações do período posterior ao conflito armado. Como exemplo, podemos citar as de cunho historiográfico: Machado (2004), Auras (1997), na perspectiva de produção artística: Borelli (2006) e Back (2008), na literatura de ficção: Oliveira (1978), Santos (2009), na versão de padres franciscanos: Stulzer (1982) e por fim, de escritos militares: Miranda (1987), Cabral (1979).

Iniciamos, apresentando uma síntese da guerra do Contestado, visando situar o leitor nos acontecimentos. Na sequência abordamos a estratégia militar que conduziu a grande deserção dos sertanejos rebelados. Os números de famílias em processo de rendição, bem como o destino dado a elas, dão visibilidade ao fluxo migratório na região. Encerramos discutindo o processo social pelo qual a região do Contestado esteve submetida no pós-guerra do Contestado, com base nos conceitos de estabelecidos e *outsiders* de Elias e Scotson (2000). Eles analisam uma sociedade, com grupos relativamente homogêneos e em conflitos velados, de um pequeno povoado industrial da Inglaterra. O primeiro grupo distinguia-se pelos princípios de antiguidade, com valores da tradição e da "boa" sociedade, os estabelecidos. O outro grupo, os chamados *outsirdes*, eram considerados como estrangeiros, que não partilhavam os valores da sociedade local, sendo mantidos à distância nas decisões dos clubes, das igrejas e de ordem cotidiana. A rejeição perpetuou-se por duas ou três gerações.

Trazemos a referida análise para o caso de Canoinhas-SC no período pós- guerra do Contestado, apesar deste, ser um conflito aberto nos estados de Santa Catarina e Paraná, entre dois grupos heterogêneos. As experiências vividas remetem ao fato das relações de poder terem conduzido a problemática da superioridade social e moral, de pertencimento e exclusão, entre os sertanejos rebelados e os moradores locais.

Não apresentamos resultados conclusivos, mas sim algumas considerações, pois estamos em fase inicial de pesquisa. Pretendemos dar continuidade ao trabalho de investigação, juntos aos descendentes, dos sujeitos envolvidos na guerra do Contestado, para ao reconstituir suas histórias de vida poder compreender a relação entre estabelecidos e *outsiders*.

BREVE RETROSPECTIVA DA GUERRA DO CONTESTADO

A Guerra do Contestado (1912-1916) abrangeu uma área de 25.000 a 48.000 Km², envolvendo o efetivo militar de 8.000 homens somados a participação de cerca de 1.000 vaqueanos¹.

O motivo desencadeador do conflito armado é justificado por diferentes fatores (MACHADO, 2004; MONTEIRO, 1974; QUEIROZ, 1981). Para alguns estudiosos, como Thomé (2002), Fraga (2006) estaria na conjuntura econômica na presença do capital transnacional via *Brazil Rawail Company*², que assumiu a construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande e suas subsidiárias a *Brazil Development and Colonization Company* (VALENTINI, 2009), que contribuiu com o povoando das terras devolutas recebidas na construção da estrada de ferro e a *Southern Brazil Lumber and Colonization Compan*³, responsável pela instalação de serrarias na região. Para outros, como Tonon (2002),



Machado (2004), estaria na conjuntura política da passagem do sistema Monárquico Constitucional para o Republicano, o qual acabou por alterar padrões até então estabelecidos no que se refere à posse de terras afetando as relações socioculturais. Também foi apontado como fator de efervescência do movimento o misticismo religioso, na presença de monges.

A modernidade implantada na região do Contestado, com a presença de investimentos do capital transnacional e as mudanças do regime Republicano geraram uma série de transformações. A sociedade ficou dividida, de um lado os grandes proprietários e a representação política local, ou seja, aqueles que detinham o poder e estavam inseridos no processo de desenvolvimento, amparados ora pela lei, ora pela força paramilitar que imperava e aqueles que lutavam por manter a tradição da economia de subsistência, tentando sobreviver diante do avanço capitalista. Sobre a questão, Paulo Pinheiro Machado em sua obra “Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas -1912-1916” apresenta a origem da liderança sertaneja rebelada, seus objetivos, situando-os no contexto econômico, político e social da época.

Aos poucos o jogo de interesses assumiu maiores proporções e o que eram apenas ideais passaram a ser objetivos de luta armada. Para o grande proprietário, imigrantes e forças do governo trazer o sertanejo rebelado à nova ordem estabelecida de modernidade⁴ era uma forma de garantir o desenvolvimento da região. Já para os espoliados do sistema, aqueles que perderam seu espaço, suas terras, a alternativa que restava era a de lutar por seus direitos.

Neste contexto, dá-se o início da guerra do Contestado, entendida como confronto armado, entre, as Forças de Segurança do Paraná e um grupo de sertanejos, sob a liderança do monge José Maria, tendo como marco inicial a Batalha do Irani, de 22 de outubro de 1912.

O sociólogo Monteiro, na obra *Errantes do Novo Século* (1974), denomina o tempo após o combate do Irani de processo de “reencantamento do mundo”, no qual os seguidores de José Maria se estruturaram em irmandades místicas ou redutos, criando laços de solidariedade e vida comunal.

As notícias do sistema em que viviam nos redutos, de vida coletiva, comunal, com divisão de bens e sem grandes necessidades, atraíram inúmeros sertanejos. Eram compadres, vizinhos, parentes que se juntaram nos redutos. “O movimento sertanejo passou a contar com grande simpatia e admiração da população pobre do planalto. Sua fama de invencibilidade converteu a vida nos redutos em baluarte de resistência ao poder do Estado e dos coronéis” (MACHADO, 2004, p.244).

A partir de 1914, o movimento do Contestado estende sua área de atuação, criando outros redutos, elegendo líderes com características mais aguerridas, agregando novos membros. Os objetivos iniciais estavam desvirtuados. “A ‘monarquia cabocla’ deixa de ser um projeto isolado, relacionado apenas aos devotos, e converte-se, na prática, em meta revolucionária de modificação de toda a sociedade” (MACHADO, 2004, p. 246). Promovendo ataques relâmpagos aos vilarejos, fazendas e “tocaiais” nas estradas. Os sertanejos passaram para a fase do banditismo social⁵.

Os alvos dos ataques eram os principais núcleos “peludos” do planalto: as vilas de Canoinhas, Itaiópolis, Papanduva, Vila Nova do Timbó e Curitiba; as estações da Estrada de Ferro São Paulo- Rio Grande, as serrarias da Brazil Lumber and Colonization e, no ápice do processo, a cidade de Lages, em que houve uma tentativa de tomada, por ser o principal reduto do poder dos coronéis em Santa Catarina (MACHADO, 2004, p. 261).

Nos redutos muitos sertanejos mantiveram-se fiéis ao movimento, acreditando estar próximo o final das agruras da vida. Nomes de sertanejos rebelados, como de vaqueanos, cruzaram distâncias criando um clima de insatisfação e desejo de vingança. O terror foi instaurado nos sertões do Contestado.

A RENDIÇÃO COMO ESTRATÉGIA FINAL DO CONFLITO ARMADO

O processo de rendição foi articulado nos momentos finais da guerra. A capitulação ocorreu de forma gradativa, como resultado da estratégia militar adotada de vencer o inimigo lentamente pela inanição através do bloqueio ao acesso dos víveres necessários. Neste cenário, o exército militar usou da estratégia de vencer o combate pela rendição mesmo que lenta. Usou do bloqueio de alimentos e distribuiu mensagens aos sertanejos rebelados como incentivo a deserção. Vejamos o teor destas mensagens:



Fazendo um appello aos habitantes da zona conflagrada, que se acham em companhia dos fanáticos, eu os convido a que se retirem, mesmo armados, para os pontos onde houver forças, a cujos comandantes devem apresentar-se. Ah! Lhes são garantidos meios de subsistência até que o Governo lhes de terras, das quaes se passarão títulos de propriedade. A contar, porém, desta data em diante, os que não o fizerem espontaneamente e forem encontrados nos limites da acção da tropa, serão considerados inimigos e assim tratados com todos os rigores das leis da guerra. Quartel General das Forças em Operações. 26 de setembro de 1914- General Setembrino de Carvalho (CARVALHO, 1916, p. 47).

Em outro comunicado, percebe-se o discurso de chamamento à vida em sociedade: “[...] Impõe-se que volteis novamente ao trabalho, meio unico capaz de garantir a felicidade do lar e promover a prosperidade da nossa grande Patria, que na quadra actual tanto precisa do patriotismo dedicado dos seus filhos” (CARVALHO, 1916, p. 85-86). Constata-se ainda o sentimento de “proteção” para aqueles que renderem-se, nas palavras iniciais, como forma de demonstrar segurança e garantia de acolhimento social: “Aos meus queridos revoltados” (CARVALHO, 1916, p. 85-86).

Na fase final do movimento a liderança assumiu características de terror, ou seja, para todo aquele que desejava abandonar a causa, a pena da morte. Fome, miséria e medo se fizeram presentes.

Quando do prolongamento da Guerra, houve divergências entre as lideranças. Líderes como Adeodato⁶ se mantiveram. Já outros foram passaram para o lado das forças do governo e até mesmo contribuíram para captura dos companheiros. “Bonifácio Papudo atendendo aos apelos do General Setembrino, desativa seu reduto e apresenta-se juntamente com toda a sua gente, às autoridades de Canoinhas” (AURAS, 1997, p. 130). Outro caso foi o de Alemãozinho. “Alemãozinho se entregou ao comandante da Coluna Norte sob a condição de contribuir com o Exército na destruição dos redutos sertanejos e na prisão de alguns líderes do movimento” (RODRIGUES, 2008, p. 348).

Houve o caso de Joaquim Gonçalves, que assinou duas cartas conciliatórias, a pedido de Setembrino de Carvalho. As cartas foram encaminhadas para a liderança dos sertanejos. Vejamos o teor das respostas do líder Aleixo Gonçalves de Lima, do reduto de São Sebastião, em 16 de janeiro de 1915, para Joaquim Gonçalves: “[...] mosca cassa-se com assucar e não com vinagre, eu meos companheiro só podemos arrear as almas se Deos e São Sebastião e São João Maria nos abandonar, mais até agora está com nós, só os peludos que São de satanaz e que jogão com pau de duas pontas mais com nos não seda [...]” (GONÇALVES, 1915) e para Henrique Wolland:

[...] Eu acredito muito no que o Sr. diz mais porco para se matar primeiro trata-se bem para de pois se matar dace milho e lavage e de pois de gordo mata-se e conheço tudo isso e graças a Deus por cá tem muito o que comer. Sou seo a deverçario em todo o território [...] (GONÇALVES, 1915).

Como observamos na correspondência, Aleixo Gonçalves é tácito na recusa à rendição, vai além, mostra o risco da oferta do governo. Na resposta para o Alemãozinho, é contundente, usa o porco (come e vira o cocho), reportando-se à traição do antigo companheiro de luta. Mostra o risco da rendição e se declara adversário em qualquer espaço.

Foram sertanejos capturados nos ataques aos redutos e outros se renderam às forças do governo como alternativa de sobrevivência, diante da realidade vivida:

Em Santa Maria, não havia lavouras em extensão suficiente para alimentar toda aquela população. O gado arrebanhado era consumido com rapidez por uma população crescente. Para agravar a situação, uma nova epidemia de tifo, abateu-se sobre a população; diariamente, mais de 30 pessoas eram liquidadas pelo tifo e em enterradas em vala comum (MACHADO, 2004, p.306).

Quanto ao número de sertanejos capitulados, podemos ter uma noção, conferindo registros militares:

Aos 383 prisioneiros do reducto Itajahy, sommavam-se mais de mil e trezentas pessoas apresentadas em Papanduva, S. João e Canoinhas, sem contar a gente de Henrique Wolland (Alemãozinho), de Bonifacio José dos Santos (Bonifacio Papudo), Estanislau Schumann, Guilherme Helmich e Francisco José Carneiro (Carneirinho), que chefiavam bandos numerosos e se apresentavam com pequenos intervallos, na Linha Norte, ao tenente-coronel Onofre (CARVALHO, 1916, p.89).



Queiroz (1966, p. 217) registra o seguinte sobre a rendição no mês de janeiro de 1915:

Neste mês processaram-se as rendições em massa em várias localidades, particularmente na frente Norte. Em Papanduva entregaram-se 300 revoltosos que não suportavam mais as condições de guerra sertaneja. Em Rio Negro apresentaram-se 65 pessoas que se haviam internado no mato desde o início do movimento. Só em Canoinhas sujeitaram-se nada menos que 243 famílias. No município de Lages depuseram armas 528 indivíduos, provenientes da área do Serrito e de Campo Belo. Dentro de Campos Novos, 40 jagunços puseram-se à mercê dos vaqueanos. Ao todo, calculou-se que no decorrer do mês, 3.00 antigos jagunços rojaram a frente no pó.

Auras (1997) relata que cerca de 400 caboclos de todas as idades, conduzidos por Pedro Nepomuceno, apresentaram-se aos comandantes do efetivo policial que atacaria o reduto de Antônio Tavares, quando estes se aproximam do reduto sem serem vistos, na véspera do dia marcado.

Sobre a rendição na Coluna Norte de Canoinhas, em 1915, Rodrigues (2008) afirma que havia 275 homens listados, 638 crianças e 175 mulheres, citando que, entre os adultos uma grande parcela seria de idosos para cuidar das crianças, não comprometendo os que permaneciam em batalha nos redutos.

A definição das cidades de Canoinhas e Rio Negro como local para encaminhamento dos sertanejos em rendição ou mesmo presos se deu pela dificuldade de encaminhá-los para Lages ou Rio do Sul, como se observa no telegrama de Felipe Schmidt para Setembrino de Carvalho, em 27 de março de 1915:

Agradeço comunicação Vossa Excia. ter representado a essa cidade, grande assumpto seu telegrama acaba estendendo-me inspetor povoamento acha conveniente indivíduos fugitivos redutos sejam enviados de [...] pra Canoinhas ou Rio Negro visto como vinda para Lages sou Rio do Sul compreende longo trajeto exigindo numerosa escolta durante muitos dias marcha. Todo caso V. Ex providenciará como melhor achar comunicando sua resolução para inspetor mandar receber referidos indivíduos via férrea que V E designar. Cord. Sauda (SCHIMITD, 1915).

Diante do cenário final da guerra inúmeras famílias apresentaram-se aos postos de comando indicados pelo Exército. Na fotografia, a seguir, podemos observar cenas dos sertanejos logo após a rendição (Figura 1).

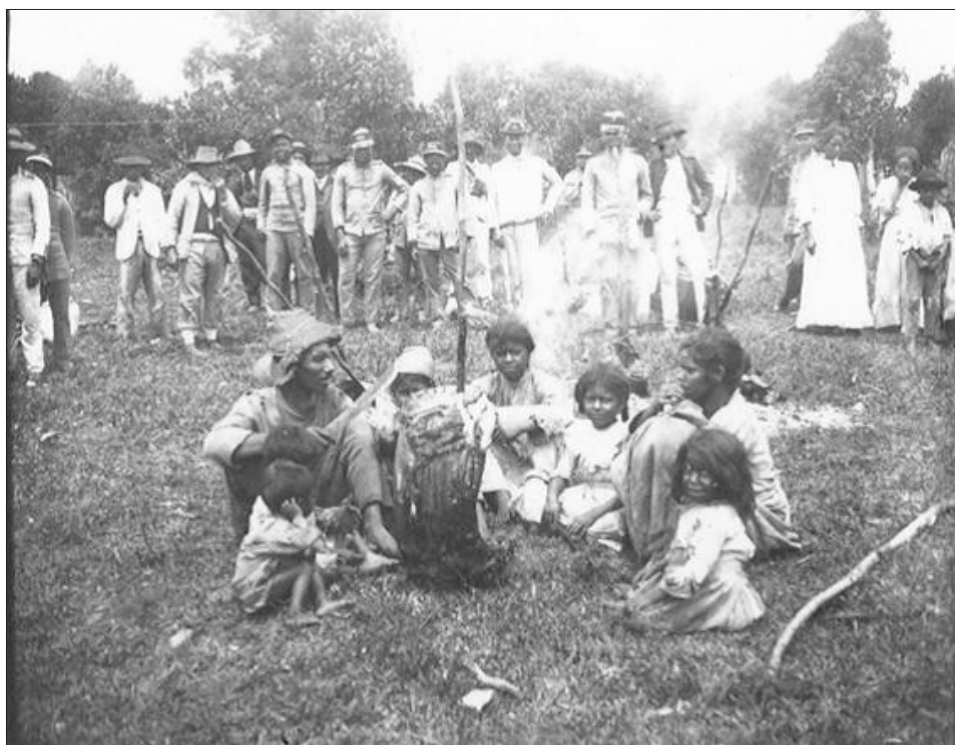


Figura 1: Rendição sertaneja - Canoinhas, 1915
Nota: foto do acervo da família de Claro Jansson.

De acordo com Lima e Tonon (2012, p. 111), a fotografia é reveladora da realidade social daqueles que viveram a guerra. Quanto à presença masculina, entre os quatorzes, sete faziam parte da polícia militar. O churrasco a eles oferecido remete à imagem de um poder benfeitor. Os militares incumbiam os vaqueanos de duas tarefas nas expedições das execuções sumárias dos prisioneiros. Muitas execuções eram de sertanejos presos, retirados da cadeia e degolados no mato. Outra ação era alimentar os prisioneiros de guerra e após colocar a “gravata vermelha” em seu pescoço. Uma tradição herdada da Guerra dos Farrapos e da Revolução Federalista.

Queiroz (1966, p. 218) também trata da ação dos vaqueanos:

Na vila de Canoinhas, as prisões estavam superlotadas e as circunstâncias eram diferentes: ‘Da cadeia de Canoinhas eram retirados diariamente levados de desgraçados que se tinham apresentado voluntariamente, e entregues a Pedro Ruivo, um celerado vaqueano promovido a herói. Pedro Ruivo conduzia as vítimas para fora da vila e, na primeira curva do caminho degolava-as. Os cadáveres ficavam insepultos. Os porcos e os corvos tinham fome. Afirma-se que somente Pedro Ruivo praticou nesses dias mais de 100 assassinios.

Ainda sobre o tratamento dado aos sertanejos, Queiroz (1966, p. 218) afirma

que pareciam mais inofensivos e por isso escapavam à degola eram enviados a Rio Negro, onde permaneciam em improvisados campos de concentração, sob a vigilância do coronel Bley Neto, antes de serem distribuídos como trabalhadores pelas colônias agrícolas do governo do Paraná.

Os sertanejos renderam-se e o governo definiu uma forma de controle social entre os estabelecidos na região e o novo grupo que ora havia se formado. Pensando o controle social como sendo “o conjunto dos recursos materiais e simbólicos de que uma sociedade dispõe para assegurar a conformidade do comportamento de seus membros a um conjunto de regras e princípios prescritos e sancionados” (BOUDON; BOURRICAUD, 2002, p. 101).

Foucault (1999) discute a questão de controle social pelo viés da sociedade disciplinar⁷. O poder não estaria num local, em algo, mas sim, numa rede de poderes entrecruzados com base no controle dos corpos. Dito de outra forma, a sociedade passa a ter determinado comportamento pelo controle psicológico a que são submetidos.

A transferência dos sertanejos em rendição foi justificada pelo governo como necessária para garantir o término do conflito armado. Através da separação dos corpos que seria desestruturado os últimos integrantes da guerra, imposto o controle social da região.

O General Setembrino, em 17/02/1915, solicitou ao governador do Estado de Santa Catarina providências junto às famílias. Vejamos o teor da correspondência:

Exmo. Amigo Dr. Felipe Schimidt

Está em seus últimos termos a campanha, que me coube dirigir, contra os sertanejos sublevados no interior do Paraná e de Santa Catharina. E, como é fácil de avaliar, cada dia, que se passa, representa uma dificuldade vencida. Mas agora, com os numerosos fanáticos, que se tem apresentado em Lages e Coritibanos, a que se vão sommar brevemente os habitantes do reducto de Santa Maria, eu me vejo ante um problema cuja solução depende muito do patriotismo de V. Exa. Impõem-se, à semelhança do que já se fez, a meu pedido, o Governo do Paraná, com os prisioneiros dos reductos batidos em território de sua jurisdição: deportar para longe do Estado os chefes perigosos: localizar as famílias em núcleos coloniaes, nas mesmas condições favoráveis, que se offerecem aos estrangeiros; e promover a sua alimentação desde o momento em que forem entregues às autoridades locais. Compreende bem V. Exa. que, a bem da pacificação definitiva do Contestado, a grande maioria dos fanáticos não deve permanecer nos mesmos sítios dos reductos. Ali só poderão ficar os proprietários de carácter declaradamente pacifico e que nunca tiveram relações directas com o fanatismo. São as linhas geraes do meu modo especial de ver esta questão. Póde, entretanto, acontecer que, ao meu Exmo. amigo, acuda outro alvitre mais acertado. E como não é prática uma longa correspondência, em torno deste caso, que exige prompta solução, envio o 1º tenente Antonio Bricio Guilhaon, meu ajudante de ordem e official de minha confiança, o qual prestará a V. Exa. Todos os esclarecimentos e de V. Exa. ouvirá sua última palavra a este



propósito. Sou de V. Exa. velho amigo e criado attencioso (A) General *Setembrino de Carvalho*. Porto União 17.02.1915 (CARVALHO, 1916).

A decisão da capital brasileira foi de inserir os “fanáticos” nas colônias de povoamento, em muitos casos isolando-os dos seus pares. O telegrama de José Caetano de Faria a Setembrino de Carvalho confirma as medidas adotadas.

Senhor Presidente Republica a quem falei sobre vossas reclamações com relação a fanáticos presos, resolveu que apuradas responsabilidades em um inquérito rápidos dos que tenham grandes responsabilidades devem os outros serem internados em colônias para que podeis vos entender diretamente com o diretor povoamento do todo que receberá instruções do ministro da Agricultura. Sauds. General Faria Rio de Janeiro. 11.03.1915 (CAETANO, 1915).

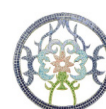
Qual o destino dado aos sertanejos em rendição. Qual jurisdição deveria ser entregue? Havia a questão de possível despovoamento do planalto Norte catarinense, quando da remessa de sertanejos em rendição. Em correspondência ao governador do estado de Santa Catarina o General Setembrino relatou suas decisões:

Exmo. Sr. Dr. Felipe Schmidt, governador de Santa Catarina- Florianópolis- Respondo ao segundo telegramma de V. Exa. concernente ao despovoamento do solo catharinense, e respondo com a maior solicitude, embora julgando a reclamação tão infundada quanto a que se tornou objectivo do primeiro. Como em tudo, procurei seguir, na localização dos fanáticos o criterio que me pareceu mais justo. E o mais justo critério me parecem, no caso actual, ser afasta-los de accordo com as suas preferências. Compreende-se perfeitamente que uma família custaria mais, quando lhe apertasse a saudade dos mattos, a voltar de um lugar por ella mesmo escolhido, do que de um outro para onde ella fosse deportada. Assim, dentro de semelhante norma, entreguei o Paraná a gente do reduto Tavares, a gente que se apresentou em Papanduva, a gente de Marcello e Joséphino, gente na sua maior parte habitante das cercanias de Rio Negro, Itayópolis e Papanduva. Mas entreguei também ao governo de Santa Catharina o povo que se apresentou em Canoinhas e mostrou desejo de habitar em território de Santa Catarina. E isto é tanto mais sincero quanto é certo que hontem antes de chegarem os telegrammas de V. Exa. eu havia escripto neste mesmo sentido, uma carta, incumbindo ao tenente Guilhon de leva-la a V. Exa. Nella, como verá, trato dos habitantes do reducto de Santa Maria. Demais, procedendo assim, tenho até libertado o thesouro de Santa Catharina de uma considerável despeza com enterros de habitantes, por bem dizer, improductivos e perfeitamente exercitados no assassinato e no roubo. Quanto aos clamores dos imigrantes posso assevera a V. Exa. que não passa de uma suspeita destituída de fundamentos, pois elles, uma vez no seio da tropa, não soffrem a mais leve coacção. Cordeaes saudações- General *Setembrino*, 18 de fevereiro de 1915 (CARVALHO, 1916, p. 240).

Além do destino dado aos sertanejos em processo de rendição é possível observar na correspondência a percepção dos mesmos como sujeitos perigosos e sem capacidade de produção. Cada sertanejo transferido do estado seria um problema a menos para o governo. Seria necessário retirar da sociedade local aquele que não se adaptava a ordem vigente como garantia de manter a ordem pré-estabelecida e ao mesmo tempo manter o território ocupado, como se observa nas palavras do governador de Santa Catarina:

[...] achar inconveniente imigração em massa indivíduos apresentados e famílias os quaes se achavam reductos nosso Estado para núcleos paranaenses como ainda se fez dia 16 em Canoinhas em trem especial: esses indivíduos conviria fossem internados núcleos catharinenses conforme já fez há mezes por determinação Ministro Agricultura. [...] Affectuosas saudações- *Felippe Shmidt*. 19.02. 1915 (CARVALHO, 1916, p. 241).

A correspondência entre os governos demonstrou que as ordens vinham pré-definidas. Havia a preocupação de realizar julgamentos dos casos considerados mais graves e de inserir as famílias no processo produtivo via colônias de povoamento criadas pelos governos estaduais. O destino destes sertanejos foi transferido para o Ministério da Agricultura.



O fluxo de transferências de famílias ocasionou preocupação por parte dos governos estaduais, problema este citado nos registros de Setembrino de Carvalho (1916, p. 90):

Era necessário, portanto, consoante a promessa dos Estados litispendentes, collocalos em colônias onde pudessem ressarcir os prejuízos soffridos. Mas como o coronel Felipe Schmidt já viera em meu auxílio, situando bem as 243 famílias que primeiro se apresentaram em Canoinhas, entendi que o Paraná também cabia esse pesado encargo e neste sentido telegrapei ao seu digno presidente. A resposta foi prompta, como promptas as providencias. De sorte que numerosíssimos fanáticos que atulhavam Rio Negro, sob a fiscalização do coronel Bley Netto, foram, em menos de uma semana e em successivas levas, distribuídos pelas várias colônias existentes no Estado.

A alocação dos sertanejos, em Ponta Grossa-PR, a caminho das colônias de povoamento foi notificada via telegrama de Ferreira Correia para Setembrino de Carvalho, solicitando que estes estivessem acompanhados de famílias.

Rogo V^a Ex^a providenciar [...] de que não sejam remetidas para Hospedaria Ponta Grossa sertanejos que não estiverem acompanhados suas famílias, visto que tenho ordens Ministro agricultura para receber e [...] famílias. De Canoinhas e Rio Negro estão enviando sertanejos que não posso [...] para as cidades coloniais. Curitiba. 25.02.1915 (CORREA, 1915).

A prática de transferência dos sertanejos, para Colônias do Paraná, via hospedaria de Ponta Grossa, pode ser confirmada em correspondência da Inspeção do Serviço de Povoamento – Estado do Paraná, 1915, com a carta de Manuel F. Correia a Setembrino de Carvalho solicitando que fosse avisado pelo comandante do destacamento de Rio Negro e Canoinhas da transferência de sertanejos. O comunicado deveria acontecer com antecedência de vinte e quatro horas para serem providenciadas as acomodações e alimentação.

Para a liderança governamental, os sertanejos solteiros acabaram por tornar-se um agravante no que concerne ao processo de adaptá-los nas colônias de imigrantes. O telegrama de José Caetano de Faria a Setembrino de Carvalho atentou para a questão.

Em resposta ao vosso telegrama 12 de março findo declarar vos que para localização prisioneiros solteiros núcleos coloniais se deverá aguardar resolução estrada ferro São Paulo Rio Grande consultada tal respeito directoria povoamento segundo consta aviso Ministro agricultura 22 abril findo. Gal. Faria. Rio de Janeiro. 07.05.1915 (FARIA, 1915).

Outro destino dado aos sertanejos foi descrito por Auras (1997, p. 149): “Grande parte do pessoal que se apresentou em Canoinhas, dias depois foi deslocado para o litoral, a fim de trabalhar em colônias e, assim, repor parcela dos prejuízos provocados (como dissera o General Setembrino)”.

ESTABELECIDOS E OUTSIDRES NOS SERTÕES DO CONTESTADO

Com término da Guerra, iniciou o processo de inserção dos sertanejos, em rendição, na sociedade local. Lembrando que os “estabelecidos”, moradores locais, estavam, na sua grande maioria, do lado oposto na guerra do Contestado, apoiando as forças do governo. Para os sobreviventes, o calvário iniciara. Em muitos casos, o sentimento de vingança da parentela de muitos que foram mortos em conflitos, saques, usurpações, estava presente. O derramamento de sangue nos sertões foi intenso. A relação entre os estabelecidos com aqueles que retornavam da guerra produziu conflito social.

“Os conflitos sociais geralmente se desenvolvem no tempo” (BOUDON; BOURRICAUD, 2002, p. 78). Isto acontece em razão do caráter dramático de que às vezes se revestem formas culturais próprias, formas de conceber o mundo e os sujeitos. É o que ocorreu na região do Contestado, em quatro



anos de guerra foi formado um grupo social que aos poucos foi se desvinculando dos padrões sociais adotados pelos demais, pois:

o tamanho do grupo, a qualidade das relações que os participantes mantêm, a intensidade da fusão o que se estabelece entre eles ou, ao contrário, a distância que os separa, a duração e a continuidade ou descontinuidade de seus contatos devem ser levados em consideração (BOUDON; BOURRICAUD, 2002, p. 253).

Tanto sertanejos rebelados realizaram investidas contra os grandes proprietários de terras como, de outro lado, foram formados piquetes de vaqueanos que atacaram os sertanejos. A memória de rancor, sentimento de perda estava presente na sociedade local. Ribas (2004) descreve fatos ocorridos com sua família durante a guerra do Contestado. Seu bisavô, Manoel Estevão Furtado, que era concessionário de terras em Papanduva e Lucena e autoridade no Distrito de Papanduva, foi perseguido pelos sertanejos rebelados.

No Rodeiozinho, próximo à vila, foram vários os ataques dos fanáticos. Meu bisavô, Manoel Estevão Furtado, por ser concessionário de terras em Papanduva e Lucena, e autoridade no Distrito de Papanduva, era especialmente perseguido pelos rebeldes, andou na época, o Capitão Furtado, com a “cabeça a prêmio”, seguindo sua própria expressão, perseguido por um grupo de fanáticos. Formou e armou por sua própria conta, um grupo de “vaqueanos” para a defesa da população. [...] Em julho de 1914, os jagunços assaltaram a casa de (nosso bisavô) Luís Damaso da Silveira (1833-1914) em Bela Vista do Toldo. O velhinho de 81 anos, não acreditando num ataque dos jagunços, por ser pessoa de idade, foi preso pelos fanáticos, e à vista da esposa, que ainda se retirava de casa, foi mutilado e cruelmente assassinado. Nossa bisavó assistiu estarrecida, os jagunços cortarem as orelhas e os dedos de sua vítima, aos poucos até levá-lo à morte (RIBAS, 2004, p. 69, 73).

Somado aos ataques realizados pelos sertanejos em protesto ocorreram investidas de vaqueanos. Os grandes proprietários organizaram em apoio aos militares, grupos de defesa de vaqueanos, chamados de piquete civil. A sua função consistiu em acompanhar as tropas legais nos ataques aos redutos e capturar sertanejos entocados nas densas florestas do Contestado. A formação de um piquete civil estava submetida às ordens de um coronel, quando possuía patente da Guarda Nacional ou simplesmente de um vaqueano.

Há registros de abuso de poder dos vaqueanos⁸ praticando a degola, estupros, saques às propriedades, assassinatos de sujeitos, nem sempre envolvidos no movimento, ocasionando um cenário desolador e de pavor na região do Contestado. Como referencia podemos citar o processo contra o vaqueano Pedro Ruivo (SUMÁRIO DE CULPA, 1915).

Ainda, sobre o tratamento dados aos sertanejos, Queiroz (1966, p.218) afirma que os prisioneiros “que pareciam mais inofensivos e por isso escapavam à degola eram enviados a Rio Negro, onde permaneciam em improvisados campos de concentração, sob a vigilância do coronel Bley Neto, antes de serem distribuídos como trabalhadores pelas colônias agrícolas do governo do Paraná”.

As barbáries, os atos de violência passaram a ser denominados de ataque dos jagunços. Mas qual jagunço? De quem eram as ordens? Neste sentido a sociedade ficou em defesa do inimigo que estava em toda parte.

Os sertanejos na luta por seus direitos passaram a serem os *outsiders*, ou seja, “os não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 07). Sua identidade era a de um grupo, onde “viviam estigmatizados por todos os atributos associados com a anomia, como a delinquência, a violência e a desintegração” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 7), o que interferia nas relações sociais, visto que eram culturas diferenciadas no mesmo espaço de convivência, somadas aos rancores da guerra.

As tensões aconteceram de diferentes formas. De um lado, alguns moradores estabelecidos, recebiam os sujeitos em rendição com caráter de solidariedade percebendo-os como necessitados, como sujeitos que precisavam ser readaptados ao convívio social e assim inferiores a eles. Já, o medo de nova sublevação os aterrorizava, fato esse que os conduzia a ver a partida de trens com grande



número de “fanáticos”⁹ como uma solução viável. Por outro lado, o receio de represália fez com que emergisse o silêncio dos fatos vividos pelos sertanejos durante a guerra do Contestado, bem como, submissão frente à ordem social preestabelecida fosse sendo adotados como características desses novos elementos inseridos no convívio social na região do Contestado.

Sociedade e cultura estão intrinsecamente ligadas, lembrando que:

a sociedade não é um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos, em um determinado lugar, mas define-se essencialmente pela existência de uma organização, de instituições e leis que regem a vida desses indivíduos e suas relações mútuas (JAPIASSU, 1996, p. 251).

Seguindo esta linha de raciocínio, a cultura de uma determinada sociedade acaba por definir o tipo de relação que os seus membros respeitam e seguem como demonstram Froet e Hoebek (2001, p. 28):

A sociedade humana é uma população identificável especialmente, interagindo numa rede de relacionamentos orientados para o centro, os quais são padronizados e limitados culturalmente, distintos sob alguns respeitos de suas contrapartes em outras culturas, e efetivamente ligados por formas linguísticas comuns e outras formas de representação simbólica.

A cultura pode ser compreendida como “um conceito que serve para designar tanto a formação do espírito humano quanto de toda a personalidade do homem; gosto, sensibilidade, inteligência” (JAPIASSU, 1996, p. 61), ou ainda como “um sistema integrado de comportamento apreendido” (FROST; HOEBEL, 2001, p. 21) de um grupo social. Ela está pautada em padrões culturais coletivos e individuais que dão ordenação a respeito do mundo que os cerca. “O fato de cada cultura ser constituída de uma multidão de traços selecionados, integrados num sistema total significa que todas as partes têm um relacionamento especial com o todo” (FROST; HOEBEL, 2001, p. 22). Desta forma, na sociedade o indivíduo interage mutuamente. Quando indivíduos se afastam das reações preestabelecidas o resultado é a confusão e caos social.

O afastamento ou falta de pertencimento à cultura vigente decorre porque as culturas são constituídas de normas comportamentais, ou costumes. São às vezes identificados como elementos de cultura, os quais podem ser combinados como complexos de cultura. Sendo o comportamento cultural organizado, padronizado, ele acaba por se tornar habitual. Este elemento habitual de comportamento define o indivíduo como pertencente ou não a determinada cultura. Nem sempre o indivíduo que faz parte de determinada sociedade é pertencente à cultura da sociedade. Lembrando que: “A sociedade humana é constituída de pessoas; a cultura é constituída do comportamento das pessoas” (FROST e HOEBEL, 2001, p. 28).

Os hábitos culturais do sertanejo, inseridos na Colônia de Cruz Machado-PR, em relação ao trabalho geraram protestos por parte dos imigrantes, como pode ser observado na carta de Paulo M. Faria de Albuquerque à Setembrino de Carvalho. Ele solicitou o afastamento dos mesmos, diante da ameaça de êxodo dos colonos ali domiciliados.

Hoje vieram pedir-me para sêr perante V. Ex. o interprete de diversos colonos de “Cruz Machado”, todos elles de origem (slava) polacos, no sentido de afastar o elemento fanatisado, vadio e pernicioso do centro colonial, onde nós fomos com as prerrogativas da Constituição Brasileira, e o regime Colonial ali estabelecidos.

Submissos as leis do grande Brazil, amigos sinceros dos brasileiros, obedecemos o regime Colonial; pedimos assim; um paradeiro no sentido de não haver o êxodo dos colonos ali domiciliados.

Confiamos em Vossa justiça e desta levará ao conhecimento do governo, pelos quais antecipadamente desde já agradecemos. Pelos colonos de “Cruz Machado” Paulo M. Faria de Albuquerque. União da Vitória 04.02.1915 (ALBUQUERQUE, 1915).

O comportamento da sociedade é alterado de acordo com a realidade cotidiana dos sujeitos sociais, pois “[...] as culturas se desenvolvem como respostas aos problemas da vida do indivíduo e



do grupo [...e consistem] num conjunto de meios de satisfazer as necessidades de sobrevivência dos indivíduos” (FROST; HOEBEL, 2001, p. 28-9), organizando a sociedade. Cabe ressaltar que a cultura de toda a sociedade inclui um “manual” figurativo onde são apresentadas atividades norteadoras a ser realizadas, bem como, as definições do trabalho das pessoas chave, e as orientações específicas para desempenhar as funções atribuídas (FROST; HOEBEL, 2001).

DAS FAMÍLIAS EM RENDIÇÃO

As famílias desempenham papel primordial na sociedade, visto que:

O vínculo familiar é um vínculo legal, que gera obrigações econômicas, religiosas e outras, sobretudo ‘em forma de direitos e proibições sexuais’. Enfim o vínculo familiar é inseparável ‘de sentimentos psicológicos, como o amor, a afeição, o respeito, o medo etc. (BOUDON; BOUR- RICAUD, 2002, p. 237).

O casamento é uma forma de manter o vínculo familiar, transmitindo cultura e organizando a sociedade. Ele é uma instituição social instituído pela cultura, formado por um complexo conjunto de normas sociais. Normas que acabam por definir e mesmo controlar as relações dos pares que o formam, com seus parentes, com sua prole e com a sociedade em geral. Para além da mera relação sexual, o casamento implica permanência na associação do par unido (FROST; HOEBEL, 2001).

O vínculo familiar não se estende apenas a pais e filhos, pois há avós, tios, primos, ou seja, o parentesco. Em todas as sociedades, a solidez destes vínculos produz uma rede de relações entre os parentes distinguindo-os como uma unidade dentro da sociedade maior. Os sujeitos pertencentes a um grupo familiar têm certas obrigações para com a sua parentela. E ainda, comparando com o resto da humanidade o status de um parente é único (FROST; HOEBEL, 2001).

Desde que o homem começou a produzir seus alimentos, nas sociedades agrícolas do período neolítico (entre 8.000 a 4.000 anos atrás), começaram a definir-se papéis para os homens e mulheres, na organização familiar. Surgem as sociedades humanas divididas em clãs, tribos e aldeias. A função de reprodutora da espécie favoreceu a subordinação da mulher ao homem. O homem, associado à ideia de autoridade, devido à sua força física e poder de mando, assumiu o poder na sociedade. Assim, surgiram as sociedades patriarcais, fundadas no poder do homem, do chefe de família. O mito judaico-cristão reafirma as relações patriarcais familiares. Esta concepção é encontrada na sociedade brasileira decorrente do processo de colonização portuguesa ancorada pela Igreja Católica.

O conceito de família e economia esteve imbricado desde o período colonial. “Era no grupo familiar, sobretudo no meio agrário, que muitas atividades produtivas de subsistência eram desempenhadas. Nessa época, mais do que hoje, o indivíduo era reconhecido e identificado por sua ligação a uma família, o que lhe conferia status e estabilidade” (SILVA, 2009, p.138). Neste sentido, temos ainda, da família patriarcal relações com o patrimonialismo¹⁰ brasileiro. Assim, como na família patriarcal, os bens passam de geração a geração, o poder estatal também acabou por passar de geração a geração as relações de poder pautadas no coronelismo (QUEIROZ, 1997; LEAL, 1997).

Na região do Contestado a família era patriarcal atrelada ao coronelismo vigente. Com o término da Guerra do Contestado os vínculos familiares foram rompendo-se, ora com a morte, ora com a transferência dos sertanejos para outras regiões.

No Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro, na documentação sobre a Guerra do Contestado, caixa nº11, pastas 10 e 11 e possível conferir na íntegra a relação ao dos indivíduos que se apresentaram as forças do governo. Observa-se no quadro a seguir a procedência dos sujeitos em rendição. Os dados foram elaborados com base na listagem parcial dos que se apresentaram às forças oficiais, na “Columna da Linha Leste”,¹¹ entre março e maio de 1915 (Tabela 1).



Tabela 1: Classificação quanto à procedência dos sujeitos em rendição

| Local | Total | Homens | Mulheres | Filhos |
|-------------------------|--------------|------------|------------|------------|
| Coluna da Linha Leste | 1176 | 371 | 180 | 625 |
| Reducto de "Marcellos | 266 | 74 | 70 | 122 |
| Reducto do "Josephino": | 04 | 04 | ---- | ----- |
| Reducto Santa Maria | 28 | 10 | 04 | 14 |
| "Serrito" | 39 | 11 | 08 | 20 |
| Total | 1.513 | 470 | 262 | 781 |

Nota: Lista de Rendição - "Columna da Linha Leste" - AHEX- Rio de Janeiro- RJ.

Nesta listagem, grande maioria, 78% era da Linha Leste, outros 18% de "Marcellos, 4% do "Serrito" seguida do reduto de Santa Maria e de menor expressão do "Josephino".

Quanto à estrutura familiar, homens, mulheres e filhos participaram conjuntamente no processo de rendição. Foram 781 filhos que vivenciaram os momentos finais de guerra acompanhando os familiares, somado a 262 mulheres e 470 homens (Figura 1).

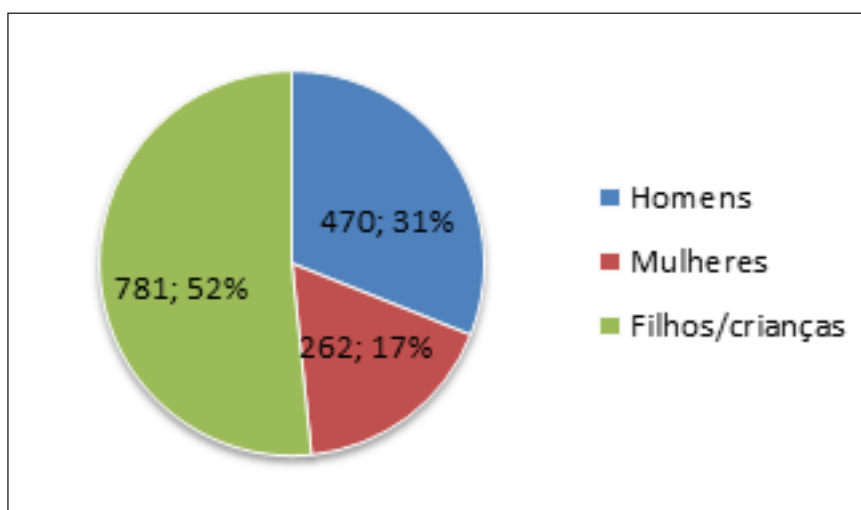


Figura 1: Gráfico da estrutura familiar no processo de rendição

Nota: lista de Rendição - "Columna da Linha Leste" - AHEX- Rio de Janeiro- RJ.

Os números revelam que, no grupo em rendição, na "Columna da Linha Leste", muitas famílias ficaram desestruturadas (Tabela 2).

Tabela 2: Classificação quanto à estrutura familiar dos sujeitos em rendição

| Local | Famílias com filhos | Família sem filhos | Viúvos | Viúvas |
|-------------------------|---------------------|--------------------|-----------|-----------|
| Coluna da Linha Leste | 162 | 18 | 03 | 04 |
| Reducto de "Marcellos | 25 | 01 | 01 | 39 |
| Reducto do "Josephino": | -- | -- | -- | -- |
| Reducto Santa Maria | 04 | -- | 01 | -- |
| "Serrito" | 06 | 01 | 01 | -- |
| Total | 197 | 20 | 06 | 43 |

Nota: Lista de Rendição- Columna da Linha Leste, AHEX- Rio de Janeiro- RJ.



Observa-se na Tabela 2 que 43 mulheres precisaram, além de enfrentar a nova realidade de adaptação ao convívio social, de reestruturação econômica e de um novo local de moradia, comandar a família pela situação de viuvez. Outros 06 homens viúvos também passaram por essa realidade. Observa-se que 197 famílias, com filhos, puderam após o processo de rendição, reconstituir suas vidas.

A parentela contribuiu para formar laços identitários e de cumplicidade na formação de novos grupos sociais. Na lista abaixo é possível identificar os laços familiares pelos sobrenomes dos sujeitos que se renderam. Dos 177 sobrenomes, 66 estavam em mais de um integrante por família. A Tabela 3 apresenta os sobrenomes e agrupamentos familiares que demonstram os laços de parentesco dos sujeitos envolvidos na guerra do Contestado.

Tabela 3: Sobrenomes das famílias em rendição

| FAMÍLIA | Nº | FAMÍLIA | Nº | FAMÍLIA | Nº | FAMÍLIA | Nº |
|-----------|----|-----------|----|------------|----|------------|----|
| SANTOS | 38 | CARDOZO | 06 | PAULA | 03 | SOLTURNO | 02 |
| CARVALHO | 29 | VIEIRA | 05 | MACHADO | 03 | NASCIMENTO | 02 |
| LIMA | 28 | LISBOA | 05 | MARIA | 03 | PINTO | 02 |
| OLIVEIRA | 25 | TEIXEIRA | 05 | ROSA | 03 | LOURENA | 02 |
| RIBEIRO | 20 | DOS ANJOS | 05 | MEDEIROS | 03 | VEIGAS | 02 |
| LOURENÇO | 14 | FERREIRA | 04 | CORDEIRO | 02 | RUTTS | 02 |
| MOREIRA | 13 | TORQUATO | 04 | MAIA | 02 | KATIONAREH | 02 |
| MARTINS | 13 | MENDES | 04 | MATTOZO | 02 | MAKVIC | 02 |
| SILVA | 11 | CORRÊA | 04 | ENCARNAÇÃO | 02 | MUCHANSKI | 02 |
| ALVES | 11 | BUENO | 04 | VALENTE | 02 | MATSKECICK | 02 |
| FERNANDES | 11 | PRADO | 04 | PRATES | 02 | BOREKA | 02 |
| GONÇALVES | 11 | SIMÕES | 03 | MENEZES | 02 | BARROS | 02 |
| BECKER | 10 | BUENA | 03 | SILVEIRA | 02 | CRUZ | 02 |
| RODRIGUES | 09 | BIDA | 03 | MAGALHAES | 02 | ROCHA | 02 |
| FRANÇA | 09 | CASTRO | 03 | CAVALHEIRO | 02 | COSTA | 02 |
| PEREIRA | 07 | PONTES | 03 | FREITAS | 02 | | |
| SOUZA | 07 | RAMOS | 03 | PADILHA | 02 | | |

Nota: lista de Rendição- "Columna da Linha Leste"- AHEX- Rio de Janeiro- RJ.

As famílias que se apresentaram, não estando em agrupamentos familiares, (parentela), ou seja, com apenas um único registro de sobrenome foram: Bartoza, Manoel, Gomes, Leite, Moura, Trindade, Meleiro, Barbosa, Ursulina, Resa, Andrade, Mariano, Francisca, Carlos, Rosário, Sá, Francisco, Camillo, Marcello, Rocha, Paz, Madeira, Tibes, Castilho, José, Miranda, Domingos, Camargo, Jungles, Elias Sobrinho, Ribas, Floriano, Leffel, Martinski, Wustirkoski, Wietertiekiwicz, Cezário, Salvador, Xavier, Lucas, Colaço, Fragoso, Constante, Araujo, Felizardo, Braz, Adgniski, Amorim, Galeski, Gatski, Krulikowski, Benaski, Crenikeski, Kausiski, Maiserorvitk, Brecha, Bigas, Nevak, Vasunkak, Verdela, Jusgler, Sentack, Renkoski, Morram, Grey, Schneswsky, Maximiano, Saldanha, Hanwa, Lanner, Gogolla, Berya, Baffs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pós-guerra do Contestado, as tensões foram múltiplas entre os habitantes da região conflagrada. Os sertanejos sobreviventes foram considerados *outsiders* que não partilhavam os valores e os modos de vida vigentes. Na solução adotada pelo governo, estes, deveriam ser mantidos a distância e para tal, transferi-los para outras regiões de Santa Catarina e do Paraná.



Toda essa situação criou o silêncio dos vencidos. Muitos dos descendentes dos *outsiders* do Contestado preferem omitir as lembranças do passado como forma de preservar a imagem de seus familiares. Aos poucos o silêncio vem sendo rompido e as memórias revelam o passado de luta contra o sistema de modernidade implantado na região no início do século XX.

Este trabalho, em sua fase inicial, espera lançar a semente de futuras pesquisas sobre o destino dado aqueles que ousaram lutar por seus ideais num movimento civil armado que deixou suas marcas na História. Desvendar os primeiros momentos vividos no pós-guerra do Contestado, na reconstituição de histórias de vidas sobreviventes, em adaptação a sociedade local, poderá ser uma alternativa de identificar aspectos de identidade histórico-social e econômica da região do Contestado.

Notas

- 1 De acordo com informações do relatório de Setembrino de Carvalho (1915), cerca de mil vaqueanos atuaram no conflito nos anos de 1914 e 1915.
- 2 Fundada pelo empreendedor norte-americano Percival Farquhar, em 12/11/1906, nos Estados Unidos. Sobre os investimentos do empreendedor, ver Gauld (2006).
- 3 Farquhar criou a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, com base no Decreto nº 7.426, de 3 de junho de 1909, modificado pelo Decreto nº 10.058, de 14 de fevereiro de 1913.
- 4 Sobre a concepção de modernidade e darwinismo social aplicada à região do Contestado, ver Lima e tonon (2012).
- 5 Sobre esta questão, ver HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- 6 “Coube a Adeodato a difícil missão de lutar contra a fome, as deserções e a degeneração das práticas comunitárias nos redutos. Para seus adversários, tratava-se do chefe jagunço mais ‘cruel’, ‘assassino frio e degenerado, responsável pelo período do ‘terror’ nos redutos do Contestado” (MACHADO, 2004, p.293).
- 7 Foucault partiu do modelo do panóptico para estudar o controle dos corpos nas instituições como escola, prisões, hospitais fornecendo um modelo de controle social que pode ser aplicado a sociedade. O Panóptico organiza espaços que permitem ver, sem ser vistos, portanto, uma garantia de ordem. Do corpo disciplinar para a sociedade disciplinar.
- 8 Os grandes proprietários organizaram, em apoio aos militares, grupos de defesa de vaqueanos, chamados de piquete civil. No Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro, é possível conferir um documento assinado por Leocádio Pacheco, na data de 26/02/1915. Nesta listagem são citados o nome de 55 vaqueanos, registrando-se mais 20 homens que estavam a comando de Pedro Pacheco. Chama atenção o sobrenome dos vaqueanos, muitos deles, conhecidos da região de Canoinhas (LISTAGEM DE VAQUEANOS, 26/02/1915).
- 9 Jagunços, fanáticos e bandoleiros eram expressões usadas, nos relatórios militares, para designar os sertanejos rebeldes que participavam do movimento do Contestado.
- 10 Holanda (1995, p. 144) define patrimonialismo com a ideia essencial do “homem cordial” relacionando as relações familiares, do tipo patriarcal, como determinantes na vida pública. Para o referido autor, “Entre nós, mesmo durante o Império, já se tinham tornado manifestas as limitações que os vínculos familiares demasiados estreitos e não raros opressivos podem impor à vida ulterior dos indivíduos”. Neste sentido os líderes políticos são estruturados sem compreender a distinção entre o público e o privado.
- 11 No documento aparece a seguinte informação: “Além destes bandoleiros, relacionados, tem mais 85 homens, que se apresentaram ao Major Chananeos, em 16 de janeiro, cujos nomes não foram tomados, pertencentes ao Grupo de Manoel Rosa. Tem mais ainda 79 homens, constante de uma relação em poder do 1º tenente do 29º Batalhão Guilherme Ribeiro Cruz, que, com as chuvas, ficou inutilizada, quando o mesmo oficial a trazia no bolso do capote”.

Referências

ALBUQUERQUE, Paulo M. Faria de. *Carta para Setembrino de Carvalho, 1915*. FGV, FSC Cont. 1915. 02.04.

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. 3ed. Florianópolis:



- Editora da UFSC, 1977.
- BACK, Sylvio. *A guerra dos pelados: roteiro do filme*. São Paulo: Annablume, 2008.
- BORELLI, Romário José. *O Contestado*. Curitiba: Orion Editora, 2006.
- BOUDON Raymond; BOURRICAUD François. *Dicionário crítico de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A campanha do Contestado*. 2 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CAETANO José. *Telegrama para Setembrino de Carvalho, 1915*. FGV, FSC Cont 1915.05.07/1.
- CARVALHO, Setembrino. *Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria-1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.
- CORREIA, Ferreira. *Telegrama para Setembrino de Carvalho, 1915*. FGV, FSC Cont 1915.02.25/3.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, JOHN I. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FARIA, José Caetano. *Telegrama para Setembrino de Carvalho, 1915*. FGV, Cont 1915.03.11/1.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 21 ed. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1999.
- FRAGA, Nilson Cesar. *Mudanças e permanências na rede viária do contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Meio ambiente e Desenvolvimento. UFPR, 2006.
- GAULD, Charles. *FARQUHAR – o último titã: um empreendedor americano na América Latina*. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- GONÇALVES, Aleixo. Correspondência para Henrique Wolland, 1915. In: CARVALHO, General Setembrino de. *Relatório da Campanha do Contestado, 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916. p. 236.
- GONÇALVES, Aleixo. Correspondência para Joaquim Gonçalves, 1915. In: CARVALHO, General Setembrino de. *Relatório da Campanha do Contestado, 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916. p. 236.
- HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. *Antropologia cultural e social*. 5. ed. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAPIASSU, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.
- LIMA, Soeli Regina. *Capital transnacional na indústria da madeira: company towns e a produção do espaço urbano em Três Barras-SC*. Dissertação de Mestrado. UEPR, 2007.
- _____. Migrações e desenvolvimento local um estudo Biográfico. IN: *Fronteiras: Revista Catarinense de História* [on-line], Florianópolis, n.23, p.58-84, 2014.
- _____. O acervo fotográfico de Luís Szczerbowski: fragmentos da memória. IN: *Revista memória em rede*. v.8, n.14, Jan./Jun.2016, p.169-175. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.15210/rmr.v8i14.6863>>. Acesso em 14/02/2015.
- LIMA; TONON. *Contestado: a hermenêutica da fotografia*. Palmas-PR: Kaigangue, 2012.
- LISTAGEM DE RENDIÇÃO. *Listagem parcial dos que se apresentaram às forças oficiais, na “Columna*



da Linha Leste”, entre março e maio de 1915. Documento da Série Contestado, Caixa nº 11, Pasta 10, Relação Nominal – 01. Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro.

LISTAGEM DE VAQUEANOS. *Listagem de vaqueanos contratados por Leocádio Pacheco*. 26/02/1915 Documento da Caixa nº 5537, Contestado Relação Nominal -01-Pasta 10 - Arquivo Histórico do Exército - Rio de Janeiro

MACHADO, Paulo Pinheiro Machado. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 2004.

MIRANDA, Alcebiades. *Contestado*. Curitiba: Líbero-Técnica, 1987.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades- (SP),1974.

OLIVEIRA, Fernando Osvaldo de. *O jagunço: um episódio da Guerra do Contestado Florianópolis: IOESC*, 1978.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Tomo III O Brasil Republicano.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de Queiroz. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado-1912-1916*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981.

RIBAS, Sinira Damaso. *Resgate de memórias: Papanduva em histórias-famílias*. Florianópolis: Insular, 2004.

RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão: a guerra do Contestado e a modernização do exército*. Tese em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SAMPAIO, João. *Telegrama para Setembrino de Carvalho*, 1915. FGV, FSC Cont 1915.04.25/2.

SANTOS, Walmor. *Contestado: a guerra dos equívocos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. Vol.1. O poder da fé.

SCHIMIDT, Felipe. *Telegrama para Setembrino de Carvalho*, 1915. FGV, FSC Cont 1915.03.27/3.

SCHIMIDT, Felipe *Correspondência para o General Setembrino de Carvalho*. Florianópolis, 1915.

SCHIMIDT, Felipe. *Correspondência para o General Setembrino de Carvalho*. Florianópolis, 1915.

STULZER, Frei Aurélio. *A guerra dos fanáticos (1912-1916): a contribuição dos franciscanos*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda., 1982.

SUMÁRIO DE CULPA. *Contra Pedro Leão de Carvalho (vulgo Pedro Ruivo), João de Carvalho e Nero de Tal-Réos*. Comarca de Canoinhas-SC, 1915.

THOMÉ, Nilson. *A política no Contestado: do curral da fazenda ao pátio da fábrica*. Caçador: UNC/ Museu do Contestado, 2002.

TONON, E. *Ecoss do Contestado: rebeldia sertaneja*. Palmas: Editora Kaigangue, 2002

TULZER (1982) e por fim, de escritos militares: MIRANDA (1987), CABRAL (1979).

VALENTINI, Delmir José. *Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906-1916)*. Tese (Doutorado em História) – PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

